

**Questões sobre o decoro para com os livros,
que são a ferramenta do conhecimento, e o
que se relaciona a como corrigi-los, consertá-
los, armazená-los, trabalhar com eles,
comprá-los, emprestá-los, copiá-los e mais.¹**

Tradução de Pedro Martins Criado²

1º – Quem busca o conhecimento deve se dedicar a obter, dos livros necessários às ciências úteis, aquilo que lhe for possível comprar, alugar ou pegar emprestado, pois essas são as maneiras de adquiri-los. Contudo, a obtenção, a coleção e a quantidade não podem ser seus [únicos] envolvimento com o conhecimento, [nem] seus [únicos] filões do entendimento. Melhor foi quem disse:

Se não fores um memorizador consciente,
acumular livros não te trará proveito.

Caso lhe seja possível obtê-los pela compra, ele não deve se ocupar com copiá-los – é mais importante ocupar-se deles do que em copiá-los –, nem se satisfazer com o empréstimo se lhe for possível adquiri-los ou os alugar [para copiá-los].

2º – O empréstimo de livros é recomendável, contanto que não haja prejuízo para quem os empresta ou para quem os pega emprestados. Há pessoas que execram o empréstimo de livros, mas a primeira [atitude] é

¹ Sexto capítulo do livro *Almu'īd fī Adab Almufīd wa Almufāfīd* (*O assistente da literatura útil e proveitosa*).

² Pedro Martins Criado é bacharel em árabe e português, mestre em Estudos Árabes e doutorando em Literaturas Estrangeiras e Tradução pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (FFLCH-USP) e tradutor.

mais correta e preferível porque auxilia o conhecimento, além de qualquer empréstimo ser um ato de favor digno de mérito. É como narramos a partir de Wakī³: “A primeira bênção [ao transmissor] dos *ḥadīṭ*⁴ é [a oportunidade de] emprestar livros”. E a partir de Sufyān Aṭṭawrī⁵: “Quem é mesquinho com o conhecimento experimenta uma das três [possibilidades]: esquecê-lo, morrer sem aproveitá-lo ou perder seus livros”. Um homem disse a Abū Alʿatāhīya⁶: “Me empreste um livro seu”, e ele respondeu: “Detesto isso”, ao que o homem disse: “Você não sabe que a honra advém do desgosto?”, então ele lho emprestou. Aššāfiʿī⁷ escreveu a Muḥammad Ibn Alḥasan⁸ (que Deus esteja satisfeito com ambos):

Um dito a quem os olhos
Ainda não viram igual,
E que é como quem viu
Aqueles que vieram antes:
O conhecimento proíbe quem o possui
De negá-lo àqueles que o buscam;
Talvez ele o dê de bom grado
Àqueles que o buscam. Talvez.

Quem pegar um livro emprestado não deve se demorar com ele sem necessidade. Se o proprietário o pedir de volta, [quem o pegou] está

³ Abū Sufyān Wakīʿ Ibn Aljarrāḥ (m. 197 H./812 d.C.): célebre tradicionalista (محدث [muḥaddiṭ]; “coletor/estudioso/transmissor de ditos do profeta Muḥammad”) iraquiano.

⁴ حديث [ḥadīṭ] (pl. أحاديث [aḥādīṭ]): dito atribuído ao profeta Muḥammad. O conjunto de ditos reconhecidos como autênticos integram a chamada سنة [sunna], ou “cânone” islâmico. Em nossa tradução, preferimos o uso do termo no singular por ser sua forma mais difundida.

⁵ Abū ʿAbd Allāh Sufyān Ibn Saʿīd Aṭṭawrī (m. 161 H./778 d.C.): proeminente tradicionalista, exegeta corânico e um dos representantes das origens da jurisprudência islâmica.

⁶ Abū Ishāq Ismāʿīl Ibn Alqāsim (m. 210 H./825 d.C.): poeta árabe originário da cidade de Kufa; conhecido popularmente como Abū Alʿatāhiya, “pai do transtorno”.

⁷ Abū ʿAbd Allāh Muḥammad Ibn Idrīs Ibn Alʿabbās Ibn ʿUṭmān Ibn Šāfiʿ Alqurašī (m. 204 H./820 d.C.): epônimo da doutrina xafeíta da jurisprudência islâmica e fundador da disciplina de “princípios da jurisprudência” (أصول الفقه [uṣūl alfiqh]).

⁸ Abū ʿAbd Allāh Muḥammad Ibn Alḥasan Aššaybānī (m. 189 H./805 d.C.): eminente jurista da doutrina hanafi da jurisprudência islâmica.

proibido de retê-lo; [caso o faça,] ele se torna seu usurpador. Os antigos já condenavam a lentidão na devolução de livros emprestados em muitas formas de verso e prosa, as quais nos foram narradas no livro de Alḥaṭīb⁹, *O compêndio de práticas do narrador e do ouvinte*¹⁰. Entre elas, está a de Azzuhrī¹¹: “Livra-te da trapaça com os livros”, que é retê-los de seus donos. Alḥaṭīb disse: “Por causa da retenção, muitos se negam a emprestá-los”.

3º – Só se pode corrigir um livro mediante a permissão de seu dono. Digo: isso é apropriado, exceto para com o Alcorão. Caso este contenha equívocos ou erros de vocalização, deve ser corrigido da melhor maneira possível. Se [quem descobriu os erros] não tiver uma caligrafia adequada, deve designar essas correções a um bom calígrafo. Não se glosa [um livro emprestado], nem se escreve nada nos espaços em branco que há na abertura e no desfecho, a menos que se saiba que seu dono aprova isso. Um livro que já é emprestado não deve ser emprestado a outra pessoa. Ele não deve ser dado como garantia, a não ser em caso de necessidade, quando isso pode ser legalmente permitido. Não se fazem cópias dele sem a permissão de seu dono. Caso ele seja um *waqf*¹² a quem quer que possa interessar – sem especificações –, não há mal em copiá-lo com precaução. Alguém declamou:

Ó vós que me tomastes emprestado um livro,
Satisfazei-me no que, para com ele, vos satisfaria.

⁹ Abū Bakr Aḥmad Ibn ‘Alī Aššāfi‘ī (m. 463 H./1071 d.C.): popularmente conhecido como Alḥaṭīb Albaḡdādī, “o orador/pregador bagdali”; ilustre estudioso e pregador do Alcorão e dos *ḥadīṭ*, jurista, sistematizador da metodologia da ciência profética (علم الحديث [*‘ilm alḥadīṭ*]) e historiador. Sua obra mais famosa é uma extensa história de sua cidade natal, Bagdá, intitulada *Ta’rīḥ Baḡdād* (*História de Bagdá*).

¹⁰ Em seu título completo: *Aljāmi‘ li’Aḥlāq Arrāwī wa ‘Ādāb Assāmi‘* (*O compêndio de práticas do narrador e métodos do ouvinte*); obra de Alḥaṭīb Albaḡdādī que aborda procedimentos metodológicos da transmissão dos *ḥadīṭ*.

¹¹ Abū Bakr Muḥammad Ibn Muslim Azzuhrī (m. 124 H./742 d.C.): um famoso sucessor (*tābi‘ī*) dos companheiros (*ṣaḥāba*) do profeta; jurista, genealogista e tradicionalista; um dos pioneiros dos estudos da biografia (*sīra*) e das expedições militares (*maḡāzī*) do profeta Muḥammad. Patrocinado pelos califas omíadas, Azzuhrī serviu como juiz, coletor de impostos e chefe das forças de segurança (*ṣurṭa*).

¹² وقف [*waqf*]: doação, bem ou patrimônio de interesse comunitário ou público que recebe proteção legal e religiosa. Também referido como “mãos-mortas”.

Ao copiar ou ler um livro, ele não deve ser colocado no chão, mas sim num lugar elevado. Ao empilhar livros, eles devem ser colocados sobre algo elevado, e não no chão, para que não peguem umidade nem se deteriore. Ao empilhá-los, eles devem ser agrupados de acordo com o tema; os de maior importância devem ficar sobre todos os demais. Caso os livros sejam de um [mesmo] tema, devem ser ordenados conforme a importância dos compiladores¹³; aquele cujo compilador tiver mais prestígio deve ser colocado por cima. O escrito sagrado deve ficar sobre todos os outros livros – de preferência, numa pasta com alça [pendurada] num prego, ou algo do tipo, na parede mais alta do cômodo, [a qual deve ser] pura e limpa. Em seguida, vêm os livros de *ḥadīṭ* genuínos, como os de Abuḥārī¹⁴ e Muslim¹⁵; depois, as interpretações do Alcorão; depois, as interpretações dos *ḥadīṭ*; depois, os livros de jurisprudência; depois, os de princípios da fé e da jurisprudência; depois, os de gramática; depois, os de poesia árabe; e então os de métrica e os semelhantes e afins. Livros grandes não devem ser colocados sobre livros pequenos, para que não caiam muito. O título do livro deve ser escrito sobre a borda da parte à mostra, e os cabeçalhos dos capítulos no lado interno da capa, de frente para o texto, para que a escrita não fique invertida. Ao alinhar os livros, deve-se considerar sua boa disposição de modo que a costura de um fique para um lado e a do volume seguinte fique para o outro, para que

¹³ المصنف [*almuṣannif*]: a tradução optou pelo termo “compilador”, que é uma equivalência mais literal ao original árabe, a fim de evitar o possível anacronismo gerado pela palavra “autor”, a qual é comumente utilizada nessa situação.

¹⁴ Abū ‘Abd Allāh Muḥammad Ibn Ismā‘īl Abuḥārī (m. 256 H./870 d.C.): célebre tradicionalista persa, biógrafo e memorizador do Alcorão. Sua obra principal, intitulada *Ṣaḥīḥ Abuḥārī*, é considerada a mais autêntica compilação de *ḥadīṭ* da tradição sunita. Nesse sentido, e uma vez que outros serão mencionados adiante no texto, é pertinente saber que a tradição sunita considera canônicos seis compêndios de ditos do profeta Muḥammad, os quais são comumente chamados de *Alkutub Assita*, “os seis livros”. Há divergências entre as doutrinas de jurisprudência acerca da importância desses compêndios, mas, em geral, os seis são aceitos. A tradição xiita duodecimana, por sua vez, reconhece como canônicos outras quatro compilações comumente referidas como *Alkutub Al’arba’a*, “os quatro livros”.

¹⁵ Abū Alḥusayn Muslim Ibn Alḥajjāj Annaysābūrī (m. 261 H./875 d.C.): célebre tradicionalista. Sua obra principal, intitulada *Ṣaḥīḥ Muslim*, é considerada a segunda compilação de *ḥadīṭ* mais autêntica da tradição sunita.

a pilha de livros não penda para os lados – do contrário, ela certamente penderá, pois todo livro tem a borda da abertura mais alta que a borda da costura, uma vez que essa é comprimida e atada. Um livro não deve ser usado para guardar folhas soltas ou algo do tipo, nem como travesseiro ou leque, nem para se apoiar ou recostar, nem como mata-percevejos. As margens e quinas das folhas não devem ser dobradas (como muitos ignorantes fazem). Ao manusear as páginas, não se devem pressionar as unhas onde as folhas possam rasgar devido a isso. Ao receber ou devolver um livro emprestado, ele deve ser inspecionado em busca de folhas necessárias [que lá estejam] ou algo do tipo. Ao comprar um livro, devem-se olhar seu começo, seu fim e seu meio, a ordenação de seus capítulos e suas páginas, a fim de determinar sua boa condição. Conforme indicado por Aššāfi¹⁶, uma coisa que atesta sua boa condição é ver acréscimos e intervenções no livro, pois isso são evidências de sua correção. Alguém disse: “Um livro só esclarece quando está escuro”¹⁶, referindo-se às correções.

4º – Ao copiar algo dos livros de conhecimento religioso¹⁷, deve-se estar ritualmente limpo e virado em direção à *qibla*¹⁸; o corpo, as roupas, a tinta e o papel devem estar puros. Todo livro deve ser iniciado com a *basmala*¹⁹. Caso o compilador não a tenha escrito, o copista deve escrevê-la e, depois, “Disse o xeique” ou “Disse o compilador”, e então seguir com o que o compilador escreveu. Quando terminar um livro ou um volume, ele deve ser selado com a *ḥamdala*²⁰ e a prece da *taṣlīya*²¹ ao

¹⁶ Por “escuro”, o dito parece se referir ao preenchimento total das páginas com escritos.

¹⁷ الشرعية [*aššar‘īya*]: referente às leis religiosas; traduzido como “religioso”.

¹⁸ القبلة [*alqibla*]: i.e., em direção a Meca.

¹⁹ بِسْمِ اللَّهِ الرَّحْمَنِ الرَّحِيم [*bismillahi arraḥmān arraḥīm*]: “Em nome de Deus, o Misericordioso, o Misericordiador”; primeiro versículo corânico, popularmente referido como *basmala*. O texto original escreve a expressão completa, mas a tradução optou pela referência resumida.

²⁰ الحمد لله [*alḥamdu lillah*]: “Graças a Deus”; fórmula islâmica popularmente referida como *ḥamdala*. Nesse caso, o texto original usa essa referência reduzida.

²¹ صَلَّى اللَّهُ عَلَيْهِ وَسَلَّمَ [*ṣallā Allāhu ‘alayhi wa sallam*]: “Deus o bendiga e salve”; fórmula recitada principalmente após as menções ao profeta Muḥammad; popularmente referida como *taṣlīya*. O texto original grava a expressão completa, mas a tradução optou pela referência resumida.

profeta; [cada parte de um trabalho maior] deve ser selada com o dito: “Fim da primeira parte” ou “da segunda”, por exemplo, e “A seguir, vem tal e tal...”; ao final do livro completo, deve-se encerrá-lo com “Fim do livro de fulano”. Essas indicações têm muitas utilidades. Sempre que se escrever o nome de Deus, ele deve ser seguido por uma exaltação como: “Elevado”²², ou “Glorioso seja”²³, ou “Nobre e Altivo”²⁴, ou “Sagrado”²⁵, ou “Abençoado”²⁶; elas devem ser pronunciadas [na leitura]. Sempre que se escrever o nome do profeta, devem-se escrever depois a prece e os bons votos a ele²⁷. Tanto os antigos como os posteriores costumavam escrever *ṣallā Allāhu ʿalayhi wa sallam*; talvez isso seja em conformidade com o dito que está no nobre livro: “Bendizei-o e salvai”²⁸. Essa prece não deve ser abreviada na escrita e [o copista] não deve repugnar repeti-la – como o fazem alguns desgraçados que só escrevem *ṣlʿm*²⁹, ou *ṣlʿ*³⁰, ou *ṣlm*³¹, ou *ṣm*³², ou *ṣslm*³³. Isso é condenável, conforme disse Al-ʿirāqī³⁴. Diz-se que o primeiro que escreveu *ṣlʿm* teve sua mão cortada. Saiba que a recompensa a quem escreve essa prece completa é grandiosa, e que isso é uma das maiores honrarias efêmeras. Em caso de menção a um dos companheiros do profeta, deve-se escrever “Que Deus esteja satisfeito

²² تعالى [taʿālā].

²³ سبحانه [subḥānuhu].

²⁴ عزّ وجلّ [ʿazza wajalla].

²⁵ تقّس [taqaddasa].

²⁶ تبارك [tabāraka].

²⁷ الصلاة والسلام [aṣṣalā wa assalām]: “a prece e os bons votos”; outra referência à fórmula da *taṣlīya*.

²⁸ صَلُّوا عَلَيْهِ وَسَلِّمُوا [ṣallū ʿalayhi wa sallimū]; Alcorão 33.56.

²⁹ صلعم [ṣlʿm].

³⁰ صلّع [ṣlʿ].

³¹ صلّم [ṣlm].

³² صم [ṣm].

³³ صلّسلم [ṣslm].

³⁴ Abū Alfaḍl Zayn Addīn ʿAbd Arraḥīm Al-ʿirāqī Aššāfiʿī (m. 806 H./1403 d.C.): tradicionalista e memorizador do Alcorão.

com ele”³⁵ ou “A satisfação de Deus a ele”³⁶. Em caso de menção a um dos imãs – sobretudo, às grandes personalidades e guias do Islã –, deve-se escrever “Que Deus tenha misericórdia”³⁷, ou “A misericórdia de Deus a ele”³⁸, ou “Que Deus o cubra com Sua misericórdia”³⁹. Só se escrevem a prece e os bons votos aos profetas e anjos, e logo a seguir; tanto pelos costumes como pela lei religiosa, essa fórmula é restrita aos profetas e anjos (que a paz esteja sobre eles⁴⁰). Quando algo disso for omitido, não é preciso acatar, mas sim pronunciar oralmente. Aḥmad Ibn Ḥanbal⁴¹ optou por omitir as fórmulas da prece e dos votos de satisfação e misericórdia em seus escritos, mas as dizia oralmente. Separar ou inverter a prece e os bons votos é condenável, conforme disse Annawawī⁴².

5º – Quem se ocupar [dos livros] não deve dar mais importância à bela caligrafia, mas sim à precisão e à correção. Contudo, devem-se sempre evitar a ligadura⁴³ [indevida], que é quando se fundem as letras que deveriam ficar separadas, e os garranchos⁴⁴, que é quando se escreve com pressa e as letras se bagunçam. ‘Umar⁴⁵ (que Deus esteja satisfeito com ele) disse: “o garrancho é o mal da escrita, e o atabalhoamento é o mal da leitura. A melhor caligrafia é a mais clara”. Não se escreve com a letra muito pequena, pois ela provavelmente não

³⁵ رضي الله عنه [raḍiya Allāh ‘anhu].

³⁶ رضوان الله عليه [raḍwān Allāh ‘alayhi].

³⁷ رحمه الله [raḥimahu Allāh].

³⁸ رحمة الله عليه [raḥmatu Allāh ‘alayhi].

³⁹ تَعَمَّدَهُ اللهُ بِرَحْمَتِهِ [taḡammadahu Allāh biraḥmatihī].

⁴⁰ عليهم السلام [‘alayhim assalām]: “que a paz esteja sobre eles”.

⁴¹ Abū ‘Abd Allāh Aḥmad Ibn Muḥammad Ibn Ḥanbal Aššaybānī (m. 241 H./855 d.C.): teólogo, tradicionalista, jurista e fundador da doutrina hanbali da jurisprudência sunita.

⁴² Abū Zakarīyā Muḥyī Addīn Yaḥyà Ibn Šaraf Annawawī (m. 676 H./1277 d.C.): tradicionalista, jurista e historiador.

⁴³ التعليق [atta‘īq].

⁴⁴ المشق [almašq].

⁴⁵ ‘Umar Ibn Alḥaṭṭāb (m. 23 H./644 d.C.): juiz, sogro e companheiro do profeta Muḥammad; segundo dos califas “bem guiados” (rāšidūn); reinou durante o período de 13-23 H./634-644 d.C., e ficou conhecido como um dos principais articuladores estratégicos e políticos do início das expansões islâmicas.

poderá ser lida pelos mais velhos e os de visão enfraquecida quando necessário. Contudo, ela pode ser usada por alguém que não consiga arcar com o preço do papel, ou que queira levá-lo consigo numa viagem, a fim de aliviar seu peso; em tais circunstâncias, não há condenação ou reprovação. Para a escrita, a tinta ferrogálica⁴⁶ é preferível à tinta em bastão⁴⁷, conforme já dito.⁴⁸ O cálamo não deve ser muito rígido, pois isso impede a agilidade da escrita, nem muito flexível, pois ele desgasta muito rápido. Alguém disse: “Se quiseses melhorar tua caligrafia, alonga e engrossa a ponta entalhada⁴⁹ do cálamo, e altera a inclinação [dessa ponta] para a direita”. A faca usada para entalhar os cálamos e raspar o papel⁵⁰ deve ser muito afiada, e não deve ser usada para outros fins. A base sobre a qual se entalha a ponta do cálamo deve ser rígida; são recomendáveis o junco persa muito seco e o ébano rígido e polido. Deve-se prestar atenção às práticas de escrita oferecidas pelos antigos. Mu‘āwiya Ibn Abī Sufyān⁵¹ (que Deus esteja satisfeito com ambos) disse: “Disse o profeta (Deus o bendiga e salve): ó Mu‘āwiya, usa algodão [para mexer a tinta] em teu tinteiro e altera [a inclinação da ponta do] teu cálamo. Faze um *bā*⁵² reto [ao escrever a

⁴⁶ الحبر [*alhibr*]: “tinta ferrogálica” ou “tinta metalogálica”; tipo de pigmento à base de sais de ferro e ácidos vegetais.

⁴⁷ المداد [*almidād*]: traduzido como “tinta em bastão” por remeter aos pigmentos à base de fuligem e gordura animal, de uso comum na China e no Japão e preservados na forma de bastonetes sólidos.

⁴⁸ Al-almawī comenta a diferença entre os dois tipos de tinta no capítulo 4 do livro, p. 101 da edição utilizada para tradução.

⁴⁹ جلفة [*jilfa*]: “ponta entalhada”; como os calígrafos costumam produzir seus próprios cálamos, é pressuposto que suas dimensões possam ser adaptadas às necessidades do escriba.

⁵⁰ Na tradição dos manuscritos, o ato de “raspar o papel” com uma lâmina é o procedimento padrão para tentar apagar ou remover trechos escritos à tinta.

⁵¹ Mu‘āwiya Ibn Abī Sufyān (m. 60 H./680 d.C.): fundador e primeiro califa da dinastia omíada; reinou entre 41-60 H./661 d.C.-680 d.C.

⁵² Letra ب [*b*] do alfabeto árabe. Na *basma*la, essa letra corresponde à “preposição” َ [*bī*], que tem o sentido geral de “por meio de”.

basmala], distingue [bem os dentes] do *sīn*⁵³ e não preenchas a volta⁵⁴ do *mīm*⁵⁵; faz um belo *Allāh*⁵⁶, estende o *arraḥmān*⁵⁷ e faz um bom *arraḥīm*⁵⁸. Coloca teu cálamo sobre a orelha esquerda para lembrar-te [da tua tarefa]”. Zayd Ibn Tābit⁵⁹ (que Deus esteja satisfeito com ele) disse: “Disse o profeta (Deus o bendiga e salve): quando escreveres a *basmala*, distingue-lhe o *sīn*⁶⁰”. Há muitos *ḥadīṭ* sobre isso, além de famosos ditos dos antigos. Jābir⁶¹ (que Deus esteja satisfeito com ele) disse: “Após escrever, um copista deve polvilhar areia secante, pois ela cumpre bem sua necessidade”. Abū Hurayra⁶² (que Deus esteja

⁵³ Letra س [s] do alfabeto árabe.

⁵⁴ ولا تعور [wa lā tu-wir]: literalmente, “não perca o olho”. No contexto, faz referência a pintar o círculo fechado de uma letra – como se um “o” fosse preenchido e virasse “●”.

⁵⁵ Letra م [m] do alfabeto árabe. A primeira parte da *basmala* consiste nas três letras mencionadas, resultando em بِسْمِ [bismi], que tem o significado de “em nome de”.

⁵⁶ الله [Allāh]: “Deus”. A caligrafia dessa palavra é tradicionalmente estilizada, sobretudo por grafar a letra ا [alif] após o ل [lām] como um diacrítico, popularmente chamado de ألف خنجرية [alif ḥanjarīya], “alif adaga”.

⁵⁷ الرَّحْمَن [arraḥmān]: “o misericordioso”. Em geral, incluindo sobretudo a *basmala*, essa palavra também é tradicionalmente grafada com o alif adaga.

⁵⁸ الرَّحِيم [arraḥīm]: “o misericordioso”. A distinção entre الرَّحْمَن [arraḥmān] e الرَّحِيم [arraḥīm] reflete um procedimento morfológico comum em árabe: o sufixo ان [ān] – como em الرَّحْمَن [arraḥmān] – atribui à raiz uma condição passageira, ao passo que o paradigma فَعِيل [fa-īl] – como em الرَّحِيم [arraḥīm] – é mais comumente usado para expressar uma condição inerente e perene. Em suma, o uso simultâneo de ambas as formas visa conferir a Deus a qualidade de possuidor e propagador de “toda e qualquer forma” de misericórdia, a رَحْمَةً [raḥma].

⁵⁹ Zayd Ibn Tābit (m. entre 42-56 H./662-676 d.C.): um dos companheiros e escribas do profeta Muḥammad a quem se atribui grande importância no processo de coleta do Alcorão.

⁶⁰ Tal orientação parece se referir à prática que por vezes se observa na escrita da *basmala* com um traço alongado na posição da letra س [s], resultando em algo como — em vez de simplesmente grafar as letras em suas formas básicas como em بِسْمِ [bismi].

⁶¹ Jābir Ibn ‘Abd Allāh Al’anṣārī (m. 78 H./697 d.C.): companheiro do profeta Muḥammad e um dos narradores de *ḥadīṭ* mais proeminentes (*mukṭir*) da tradição islâmica.

⁶² ‘Abd Arraḥmān Ibn Ṣaḥr Addawsī (m. 58 H./678 d.C.): companheiro do profeta Muḥammad, tradicionalista, jurisconsulto, memorizador do Alcorão e geralmente considerado o narrador de *ḥadīṭ* mais proeminente da tradição islâmica; conhecido

satisfeito com ele) disse: “Disse o profeta (Deus o bendiga e salve): os anjos sempre intercederão pelo perdão daquele que escrever uma prece a mim, contanto que meu nome permaneça escrito”.

6º – Na escrita, [as autoridades] condenam a separação de constructos nominais⁶³ que têm o nome de Deus (elevado), como ʿAbd Allāh, ou ʿAbd Arraḥmān, ou Rasūl Allāh; não se escreve ʿAbd ou Rasūl no fim de uma linha, e Allāh, Arraḥmān ou Rasūl no começo da outra linha, pois isso deixa a escrita feia, o que é condenável à transcendência, ao que se manifesta na exposição do discurso e ao que mais for inviolável – logo, deve ser evitado. Das práticas que se propõem, considera-se o que disse Al-irāqī a respeito dos nomes do profeta (Deus o bendiga e salve) e de seus companheiros (que Deus esteja satisfeito com eles), como: “Em ‘quem maldiz⁶⁴ o profeta (Deus o bendiga e salve) é um infiel’⁶⁵ e ‘o algoz de Ibn Ṣafīya ao fogo [do inferno]’⁶⁶ – isto é, o algoz de Azzubayr Ibn Al-awwām⁶⁷ (que Deus esteja satisfeito com ele) –, não se escreve ‘quem maldiz’ ou ‘algoz’ no fim de uma linha e o restante no começo de outra linha, pois isso torna a aparência da escrita muito feia e [configura]

popularmente como Abū Hurayra, “pai do gatinho”, pois diz-se que ele tinha o costume de levar um gato consigo para brincar enquanto pastoreava.

⁶³ مضاف [*muḍāf*]: traduzido como “constructo nominal”; referente à situação conhecida na gramática árabe como إضافة [*iḍāfa*], cujo significado literal é “acréscimo”. Esse procedimento consiste numa relação nominal – semelhante aos adjuntos adnominais ou complementos nominais da língua portuguesa – entre um primeiro nome (مضاف [*muḍāf*]), que seria o “núcleo” da construção, e um segundo nome (مضاف إليه [*muḍāf ilayhi*]), que seria o adjunto ou complemento, sendo que o primeiro obedece ao caso da situação gramatical em que se encontra o contexto, e o segundo fica obrigatoriamente no genitivo (مجرور [*majrūr*]).

⁶⁴ سَابَّ [*sābb*]: traduzido como “quem maldiz”.

⁶⁵ سَابَّ النَّبِيَّ صَلَّى اللَّهُ عَلَيْهِ وَسَلَّمَ كَافِرًا [*sābb annabī ṣallā Allāhu ʿalayhi wa sallam kāfir*].

⁶⁶ قَاتَلَ ابْنَ صَفِيَّةٍ فِي النَّارِ [*qātil Ibn Ṣafīya fī annār*].

⁶⁷ Abū ʿAbd Allāh Azzubayr Ibn Al-awwām (m. 36 H./656 d.C.): primo e um dos mais eminentes companheiros do profeta Muḥammad, conhecido como “o discípulo/apóstolo (*ḥawārī*) do mensageiro de Deus”. Mencionado no *ḥadīṭ* citado como Ibn Ṣafīya em referência à sua mãe, Ṣafīya Bint ʿAbd Almuṭṭalib Ibn Hāšim Ibn ʿAbd Manāf Ibn Quṣay (m. 20 H./641 d.C.), poetisa, tia e companheira do profeta Muḥammad.

uma blasfêmia⁶⁸, sobretudo na enunciação do começo da linha sem a pronúncia do que está no fim da linha [anterior]”. Há separações de palavras que não estão adjuntas e que são igualmente repugnantes, como no dito de nosso senhor ʿUmar (que Deus esteja satisfeito com ele) a respeito das bebidas alcoólicas, o qual lhe foi transmitido pelo profeta (Deus o bendiga e salve) quando [lhe veio um homem que] se embriagava: “E disse ʿUmar: Deus o amaldiçoe! Quão frequentes são suas vindas?”⁶⁹ Não se escreve “E disse” no fim de uma linha, e “ʿUmar” e o restante no começo de outra. Contudo, se não houver nada após o nome de Deus, ou do nome do profeta, ou dos nomes dos companheiros, por exemplo, não há mal na separação. Apesar disso, é preferível juntar as duas partes. Alguns condenam explicitamente a separação – cerca de onze casos –, pois ambas as partes devem ficar no mesmo lugar; condenam a divisão de palavras unidas por combinação ou complementação [nominal], e casos afins.

7º – Ao copiar um texto, é preciso fazer a colação⁷⁰ com um exemplar correto e confiável. A colação é imprescindível a um livro que se pretenda útil. ʿUrwa Ibn Azzubayr⁷¹ perguntou ao seu filho Hišām⁷² (que Deus esteja satisfeito com eles): “Copiaste?” Ele respondeu: “Sim”. ʿUrwa disse: “Comparaste teu livro com um exemplar correto?” E Hišām respondeu: “Não”. Ao que ele disse: “Então não copiaste”. O imã Aššāfiʿī e Yaḥyà Ibn Abī Kaṭīr⁷³ disseram: “Quem copia e não compara nem cola é como quem adentrou a latrina e não se limpou”. Um texto corrigido

⁶⁸ Nos exemplos mencionados, a blasfêmia decorre da separação da primeira palavra – سَابَّ [sābb] (“quem maldiz”) e قَاتِلَ [qātil] (“algoz”) – do restante da frase, pois isso cria as possibilidades de leitura النبي صَلَّى اللهُ عَلَيْهِ وَسَلَّمَ كَافِر [annabī ṣallā Allāhu ʿalayhi wa sallam kāfir], “o profeta (Deus o bendiga e salve) é um infiel”, e ابنُ صَفِيَّةٍ فِي النَّارِ [Ibn Ṣafiya fī annār], “Ibn Ṣafiya está no fogo [do inferno]”.

⁶⁹ قَالَ عُمَرُ: أَخْزَاهُ اللَّهُ مَا أَكْثَرَ مَا يُوتَى بِهِ [faqāla ʿUmar: aḥzāhu Allāh mā akṭara mā yuʿtā bihi].

⁷⁰ مُقَابَلَةٌ [muqābala].

⁷¹ Abū ʿAbd Allāh ʿUrwa Ibn Azzubayr (m. 94 H./712-713 d.C.): um dos eminentes tradicionalistas considerados fuqahāʾ Almadīna assabʿa, “os sete juristas de Medina”, comumente considerado o fundador do estudo histórico do Islã.

⁷² Abū Almunḍir Hišām Ibn ʿUrwa (m. 146 H./763 d.C.): memorizador e narrador de ḥadīṭ.

⁷³ Abū Naṣr Yaḥyà Ibn Šāliḥ (m. 129 H./746-747 d.C.): tradicionalista e jurista; popularmente conhecido como Yaḥyà Ibn Abī Kaṭīr.

por meio de colação com um exemplar correto, ou com [consulta a] um xeique, deve ter os diacríticos dos pontos⁷⁴ e das vogais⁷⁵, a fim de resolver obscuridades e inspecionar situações de [possíveis] erros de grafia. Contudo, não há benefício em se ocupar daquilo que se compreende sem pontos e vocalizações. Os estudiosos condenam o uso dos diacríticos de pontos e vogais em passagens que não sejam obscuras ou duvidosas, conforme bem expresso por ditos como: “Os diacríticos dos pontos previnem mal-entendidos, e os das vogais previnem obscuridades”, ou “Grandes trabalhos de conhecimento não usam diacríticos de pontos e, por isso, dificultam seu acesso”. E é dito que: “Os diacríticos dos pontos e das vogais devem ser escritos no texto inteiro – tanto nas passagens obscuras como nas demais – para beneficiar o principiante naquela área”. O juiz⁷⁶ *‘lyāq*⁷⁷ aprova, porque o principiante não distingue as passagens obscuras das evidentes, nem as vocalizações corretas das incorretas, e porque, às vezes, uma coisa é clara para alguns e obscura para outros. Além disso, por vezes, passagens obscuras são consideradas evidentes e só são percebidas posteriormente. Com frequência, ocorrem disputas sobre os princípios engendrados a partir de um *ḥadīṭ* de acordo com sua vocalização [...]”⁷⁸. Em todo caso, deve-se determinar assertivamente

⁷⁴ اعجام [*iḥjām*]: “colocar os diacríticos dos pontos”. Diversas letras do árabe são diferenciadas umas das outras pela quantidade e posição dos pontos acrescidos a uma mesma base, como ت, ب, و, ث, por exemplo. Ainda que possamos considerar os pontos parte integrante das letras em si, era comum que, na prática dos copistas, os pontos não fossem escritos, ou que fossem acrescidos por um segundo copista. Por isso, esses pontos detinham o mesmo *status* de “diacríticos” que as vogais breves e as demais marcas de leitura.

⁷⁵ اعراب [*šakkala*]: “vocalizar um texto”. Isso inclui o procedimento conhecido como اعراب [*iḥrāb*], que se refere especificamente aos diacríticos que indicam os casos gramaticais.

⁷⁶ قاضي [*qāḍī*]: “juiz” encarregado de aplicar a lei islâmica (*šarī’a*) numa determinada capital ou cidade grande de uma divisão territorial; nomeado diretamente pelo califa ou por um de seus intermediários, como um vizir ou governador provincial.

⁷⁷ Abū Alfaḍl *‘lyād* Ibn Mūsā (m. 544 H./1149 d.C.): célebre juiz, tradicionalista e jurisconsulto da doutrina malikita; serviu à dinastia almorávida em sua cidade natal, Ceuta.

⁷⁸ Aqui, Al-almawī cita dois exemplos de *ḥadīṭs* que, entre as diferentes doutrinas de jurisprudência, suscitam interpretações divergentes motivadas por suposições gramaticais distintas. Como essas ilustrações são muito dependentes da expressão

os nomes duvidosos, uma vez que eles não podem ser deduzidos por analogia ou por evidências do contexto. Caso seja necessário, deve-se indicar a vocalização [de palavras difíceis] na escrita ou explicá-las logo à margem ao seu lado, porque, em conjunto, os dois procedimentos conferem maior clareza à expressão. Caso uma palavra tenha um problema devido ao excesso de tinta no cálamo ou algo assim, ela deve ser explicada à margem, e sobre a nota deve-se escrever “esclarecimento”⁷⁹ ou “n”⁸⁰. A forma [correta] da palavra deve ser escrita inteira à margem ou com as letras separadas a fim de solucionar dúvidas e obscuridades. Também é possível escrever os nomes das letras [por extenso], como: *ḥā’* sem ponto⁸¹, *dāl* sem ponto⁸², *tā’* com dois pontos⁸³, *ṭā’* com três pontos⁸⁴, e assim por diante, conforme o costume dos antigos nessa situação. Inclui-se à determinação de marcas diacríticas escrever, dentro do *kāf* ligado⁸⁵, um pequeno *kāf* ou uma *hamza*⁸⁶, e, dentro do *lām*⁸⁷, assim: “*lām*”, e não a forma do *lām* assim: *l...*⁸⁸

original em árabe e de regras específicas da língua sem equivalência conceitual em português, elas foram suprimidas na tradução.

⁷⁹ بيان [*bayān*].

⁸⁰ ن [*n*]: letra *nūn*, indicativa da palavra mencionada previamente.

⁸¹ الحاء المهملة [*alḥā’ almuḥmaḥ*]: letra ح [*h*] do *abjad* árabe. A adjetivação “sem ponto” serve para diferenciar tal letra de outras duas cujo desenho-base é o mesmo, mas com o acréscimo de pontos diacríticos: ج [*j*] e خ [*h*].

⁸² الدال المهملة [*addāl almuḥmaḥ*]: letra د [*d*] do *abjad* árabe. A adjetivação “sem ponto” serve ao mesmo propósito referido na nota anterior, mas para diferenciá-la da letra ذ [*ḏ*].

⁸³ التاء المثناة [*attā’ almaṭṭā’*]: letra ت [*t*] do *abjad* árabe. A adjetivação المثناة [*almaṭṭā’*] (“duplo” ou “dobrado”, indicando a presença de dois pontos diacríticos) serve ao mesmo propósito referido nas notas anteriores, mas para diferenciá-la das letras ب [*b*] e ث [*ṭ*].

⁸⁴ التاء المثلثة [*attā’ almuṭṭā’*]: letra ث [*ṭ*] do *abjad* árabe. A adjetivação المثلثة [*almuṭṭā’*] (“triplo”, indicando a presença de três pontos diacríticos) serve ao mesmo propósito referido na nota anterior, mas para diferenciá-la das letras ب [*b*] e ت [*t*].

⁸⁵ الكاف المعلقة [*alkāf almu‘allaqa*]: letra ك [*k*] em sua forma conectada a outra letra, i.e., كـ.

⁸⁶ همزة [*hamza*]: letra ء [*hamza*] do *abjad* árabe.

⁸⁷ لام [*lām*]: letra ل [*l*] do *abjad* árabe.

⁸⁸ ل [*l*]: letra ل [*l*] em sua forma conectada a outra letra. Ironicamente, essa última frase parece ter um sentido confuso.

8º – Quando se corrigir ou determinar uma passagem escrita cuja leitura seja duvidosa ou o sentido seja turvo, deve-se escrever acima um pequeno “certo”⁸⁹. Acima de passagens incorretas que estejam na obra [original] ou nas cópias, deve-se escrever um pequeno “assim”⁹⁰ – que indica “conforme vi [em outra cópia]” – e, à margem, “o correto é assim”⁹¹, caso isso o comprove, ou “talvez seja assim”⁹², caso essa seja a opinião prevalecente. Acima de correções incertas de passagens problemáticas, deve-se escrever um trinco⁹³, que é a parte de cima da letra *ṣād*⁹⁴, como uma abreviação de “certo”; caso a correção seja verificada posteriormente e fixada, acrescenta-se a ele um *ḥāʾ*, formando “certo”, ou escreve-se a forma correta à margem, conforme já mencionado. Diz-se: a princípio, ao escrever o *ṣād*, indica-se que a leitura certa ainda não está estabelecida, e que o copista deve prestar atenção à passagem a fim de transmiti-la de maneira acertada e cuidadosa, sem achar que ela está [completamente] errada e, por isso, ele deve corrigi-la. Por vezes, alguns ousam emendá-las e acabam alterando o que estava correto e devia ser mantido. Deus sabe mais.

9º – Caso haja passagens excedentes no texto, ou que estejam escritas incorretamente, há três soluções: a primeira é “descascar”⁹⁵, ou seja, raspar o papel com uma faca ou algo do tipo; esse método também é referido como “raspagem”⁹⁶ ou “ralar”⁹⁷. A seguir, serão mencionados recursos preferíveis a esse, mas isso é preferível para eliminar pontos e diacríticos. A segunda é “apagar”⁹⁸, que é eliminar sem raspagem quando

⁸⁹ صَحَّ [*ṣaḥḥa*].

⁹⁰ كَذَا [*kaḏā*].

⁹¹ صوابه كَذَا [*ṣawābuhu kaḏā*].

⁹² لعله كَذَا [*laʿalahu kaḏā*].

⁹³ ضَبَّة [*ḍabba*].

⁹⁴ ص [ṣ]. A parte de cima da letra, referida anteriormente como “trinco”, é ilustrada no texto: “assim ص”.

⁹⁵ الكشط [*alkaṣṭ*].

⁹⁶ البش [*albaṣr*].

⁹⁷ الحك [*alḥakk*].

⁹⁸ المحو [*almaḥū*].

possível. Esse método é preferível a descascar. Ibn Aṣṣalāh⁹⁹ disse que há diversas maneiras para fazê-lo. A terceira é “anular”¹⁰⁰, o que é melhor que descascar ou apagar, sobretudo para com os livros de *ḥadīṭ*. Sobre isso, diz-se: “Os xeiques rechaçam a presença de lâminas nos locais de ensino religioso”. Isso porque as narrações são diferentes, então pode ser que os estudantes raspem algo que estava certo e acabem precisando determiná-lo novamente. Sobre a maneira de anular passagens, há cinco recomendações conhecidas: a primeira é traçar uma linha contínua ligando as letras a serem anuladas. A segunda é fazer uma linha contínua acima das letras a serem anuladas, mas sem tocá-las, indo da ponta inicial até à final, como um *bāʾ* invertido. A terceira é escrever “não”¹⁰¹ ou “de”¹⁰² acima da primeira letra e “até”¹⁰³ acima da última, indicando que se deve anular daqui até aqui. A quarta é escrever dois semicírculos¹⁰⁴: um acima da primeira palavra a ser anulada e outro acima da última. A quinta é escrever dois zeros¹⁰⁵: um acima da primeira palavra a ser anulada e outro acima da última; esse é um pequeno círculo que é chamado assim por indicar a ausência de correção, tal e qual se usa na aritmética em locais onde há ausência de algarismos, assim: ○. Caso uma palavra seja repetida por descuido, deve-se anular a segunda ocorrência, contanto que a primeira esteja no local correto. As exceções são se a segunda estiver mais bem escrita e for mais fácil de ler, ou se a primeira estiver no fim da linha – esse segundo caso é porque é preferível preservar o início da linha. Em geral, determina-se que tanto o início como o fim da

⁹⁹ Abū ʿAmr ʿUṭmān Ibn ʿAbd Arraḥmān (m. 643 H./1245 d.C.): tradicionalista, biógrafo, exegeta do Alcorão e jurisconsulto da doutrina xafeíta; conhecido popularmente como Ibn Aṣṣalāh por ter lecionado na escola Ṣalāḥīya de Jerusalém.

¹⁰⁰ الضرب [*aḍḍarb*].

¹⁰¹ لا [*lā*].

¹⁰² من [*min*].

¹⁰³ إلى [*ilā*].

¹⁰⁴ No texto, usa-se a expressão نصف دائرة [*niṣf dāʿira*], “meio círculo”, mas, pela exemplificação colocada em seguida, o mais exato parece ser “quarto de círculo”.

¹⁰⁵ صفر [*ṣifr*]. Em árabe, o algarismo utilizado para representar o zero é um ponto [·]. Contudo, pela descrição feita na sequência, esse termo está sendo empregado para indicar um círculo vazio, tal e qual a forma de representação do zero utilizada nos algarismos da álgebra ocidental, i.e., [0].

linha devem ser preservados; [caso haja conflito,] é preferível priorizar o início. Se a palavra repetida for parte de um constructo nominal¹⁰⁶, ou de um núcleo e seu adjetivo¹⁰⁷, ou de [uma oração nominal com] sujeito e predicado¹⁰⁸, ou de dois termos coordenados¹⁰⁹, e se ambas [as partes] estiverem no fim da linha, é preferível não separar esses elementos entre os quais há uma ligação [gramatical]. É preferível preservar os sentidos às formas cuja caligrafia esteja melhor, conforme disse o juiz ^ʿlyāḍ. Caso um livro seja corrigido com a ajuda de um xequie ou por meio de colação, deve-se indicar acima do local [até onde foi feita a correção] com “até aqui”¹¹⁰, ou “revisto até aqui”¹¹¹, ou outra expressão com esse sentido. Caso essas correções ocorram em aulas de ḥadīṭ, deve-se escrever “até aqui na primeira aula”, “na segunda”, e assim por diante, especificando o número. Isso é muito útil.

10º – Deve-se separar cada história ou ḥadīṭ dos demais com um círculo ou¹¹² [um ponto feito com] um cálamo grosso. A escrita não deve ser posta de maneira contínua, pois isso dificulta a compreensão do que se pretende dizer. O círculo é preferível aos demais [sinais de pontuação], e é utilizado pela maioria dos estudiosos de ḥadīṭ. Sua forma é assim: ○. É um costume dos estudiosos de ḥadīṭ abreviar palavras em seus livros. Exemplos disso são: alguns abreviam ḥaddaṭanā¹¹³ como *tnā*¹¹⁴, alguns

¹⁰⁶ مضاف ومضاف إليه [muḍāf wa muḍāf ilayhi].

¹⁰⁷ موصوف وصفة [mawṣūf wa ṣifa].

¹⁰⁸ مبتدأ وخبر [mubtada' wa ḥabar].

¹⁰⁹ متعاطفين [muta'āṭifin].

¹¹⁰ بلغ [balaḡa]: literalmente, “alcançar”.

¹¹¹ بلغ العرض [balaḡa al-ʿarḍ].

¹¹² Apesar do texto dizer أو [aw], “ou”, o exemplo apresentado na sequência parece indicar uma combinação desses dois recursos; talvez o mais adequado aqui fosse a conjunção و [wa], “e”.

¹¹³ حَدَّثَنَا [ḥaddaṭanā]: “transmitiu-nos [um ḥadīṭ]”.

¹¹⁴ ثَنَا [tnā].

como *nā*¹¹⁵ e alguns como *dtnā*¹¹⁶; alguns abreviam *aḥbaranā*¹¹⁷ como *anā*¹¹⁸, alguns como *arnā*¹¹⁹ e alguns como *abnā*¹²⁰; alguns abreviam *ḥaddaṭanī*¹²¹ como *tnī*¹²² e alguns como *dtnī*¹²³. Por outro lado, *aḥbaranī*¹²⁴, *anba'anā*¹²⁵ e *anba'anī*¹²⁶ nunca são abreviadas. Nas correntes de transmissores, alguns abreviam o verbo *qāla*¹²⁷ como uma letra *qāf* isolada, assim: ق, e alguns a conectam com a palavra seguinte, por exemplo assim: *qtnā*¹²⁸, que significa *qāla ḥaddaṭanā*¹²⁹. Al-irāqī disse: “Esse procedimento deve ser descartado”. Nesse sentido, está também o que se encontra nos livros [copiados por] não árabes, como a abreviação de *almaṭlūb*¹³⁰ como *almṭ*¹³¹, *muḥāl*¹³² como *mḥ*¹³³, *bāṭil*¹³⁴ como *bṭ*¹³⁵, *wa ḥīna'īdin*¹³⁶ como *wḥ*¹³⁷, *faḥīna'īdin*¹³⁸ como

¹¹⁵ نا [*nā*].

¹¹⁶ دثنا [*dtnā*].

¹¹⁷ أخبرنا [*aḥbaranā*]: “relatou-nos”.

¹¹⁸ أنا [*anā*].

¹¹⁹ أرنا [*arnā*].

¹²⁰ أبنا [*abnā*].

¹²¹ حدثني [*ḥaddaṭanī*]: “transmitiu-me [um *ḥadīṭ*]”.

¹²² ثني [*tnī*].

¹²³ دثني [*dtnī*].

¹²⁴ أخبرني [*aḥbaranī*]: “relatou-me”.

¹²⁵ أنبأنا [*anba'anā*]: “informou-nos”.

¹²⁶ أنبأني [*anba'anī*]: “informou-me”.

¹²⁷ قال [*qāla*]: “disse”.

¹²⁸ قثنا [*qtnā*].

¹²⁹ قال حدثنا [*qāla ḥaddaṭanā*]: “disse nos transmitindo [um *ḥadīṭ*]”.

¹³⁰ المطلوب [*almaṭlūb*]: “intencionado”, “pretendido”.

¹³¹ المط [*almṭ*].

¹³² محال [*muḥāl*]: “absurdo”, “impossível”.

¹³³ مح [*mḥ*].

¹³⁴ باطل [*bāṭil*]: “falso”, “infundado”, “nulo”.

¹³⁵ بط [*bṭ*].

¹³⁶ وحينئذ [*wa ḥīna'īdin*]: “e então”, “e à época”, “e no momento”.

¹³⁷ وح [*wḥ*].

¹³⁸ فحينئذ [*faḥīna'īdin*]: “e então”, “e à época”, “e no momento”.

*fḥ*¹³⁹, *ilā ‘āḥirihī*¹⁴⁰ como *alḥ*¹⁴¹, *almuṣannif*¹⁴² como *almṣ*¹⁴³, e outros casos semelhantes. Há também expressões que são totalmente omitidas [na escrita], mas ditas na fala, como “transmitido [de]”¹⁴⁴ nas correntes de transmissores; costuma-se dizer “ouvi fulano dizer que fulano...”, mas lê-se “transmitido”¹⁴⁵ a partir de fulano...”. Nesse sentido, se a palavra *qāla* é repetida – [por exemplo,] no *Ṣaḥīḥ Albuḥārī*¹⁴⁶, como em “*tnā Ṣāliḥ Ibn Ḥibbān qāla qāla ‘Āmir Ašša‘bī*”¹⁴⁷ –, uma delas é cancelada na escrita, mas não na fala. Da mesma maneira, cancela-se a palavra “que”¹⁴⁸, por exemplo, em “fulano nos transmitiu que ouviu fulano dizer”¹⁴⁹. O memorizador¹⁵⁰ Ibn Ḥajar¹⁵¹ indicou isso em *Faḥḥ Albārī*¹⁵²; poucos notaram isso. Deus sabe mais. Há também as palavras abreviadas tanto na escrita como na fala. Um exemplo famoso é o da letra *ḥā*¹⁵³ para *taḥwīl*¹⁵⁴, a qual indica a transição entre uma corrente de transmissores e outra; escreve-se um *ḥ* isolado e sem ponto, assim: ح, que é pronunciado em sua forma breve. Ele é uma abreviação de *taḥwīl*, que é onde ocorre a passagem de uma corrente de transmissores

¹³⁹ فح [*fḥ*].

¹⁴⁰ إلى آخره [*ilā ‘āḥirihī*]: “e assim por diante”.

¹⁴¹ ألخ [*alḥ*]; expressão equivalente a “etc”.

¹⁴² المصنف [*almuṣannif*]: “o compilador”, “o autor”.

¹⁴³ المص [*almṣ*].

¹⁴⁴ يحدث [*yuḥaddithu*].

¹⁴⁵ يحدث [*yuḥaddithu*].

¹⁴⁶ Ver nota 14.

¹⁴⁷ Literalmente: “Ibn Ḥibbān disse: ‘disse ‘Āmir Ašša‘bī’” (ثنا صالح ابن حبان قال قال عامر الشعبي).

¹⁴⁸ أنه [*annahu*]: literalmente, “que ele”.

¹⁴⁹ حدثنا فلان أنه سمع فلانا يقول [*ḥaddaṭanā fulānun annahu sama‘a fulānan yaqūl*].

¹⁵⁰ حافظ [*ḥāfiẓ*]: “guardião”, “memorizador”; termo utilizado no Islã para se referir a quem memoriza o Alcorão completo e os *ḥadīṭ*.

¹⁵¹ Abū Alfaḍl Šihāb Addīn Aḥmad Ibn Nūr Addīn Ibn Ḥajar Al-‘asqalānī (m. 852 H./1449 d.C.): tradicionalista, historiador, juiz e jurisconsulto da doutrina xafeita; conhecido por seu extenso trabalho de sistematização metodológica da ciência profética.

¹⁵² فتح الباري [*Faḥḥ Albārī*]: livro de comentário de Ibn Ḥajar Al-‘asqalānī ao *Ṣaḥīḥ Albuḥārī*; geralmente considerado o melhor trabalho a respeito da grande compilação de *ḥadīṭ*.

¹⁵³ ح [*ḥ*].

¹⁵⁴ تحويل [*taḥwīl*]: “transformação”, “transferência”, “transição”.

para outra. Alguns dizem que isso é uma abreviação de *ḥā'il*¹⁵⁵, pois ele se interpõe entre duas correntes de transmissores. Na doutrina magrebina, diz-se que é uma abreviação de *ḥadīṭ*. Também se diz que é uma abreviação de *ṣaḥḥa*¹⁵⁶, como diz Ibn Aṣṣalāḥ: “Por vezes, em vez de *ḥ*, escreve-se em seu lugar somente *ṣaḥḥa*”. Há divergências quanto à sua pronúncia. O mais correto é que, na leitura, ele seja pronunciado conforme sua forma escrita isolada. Alguns dizem que ele não deve ser pronunciado, outros dizem que se deve pronunciar a abreviação no lugar da palavra original, como *ḥadīṭ* ou *ṣaḥḥa* – devem-se conhecer essas variações. Há também os casos em que não se especifica a leitura da abreviação ou da palavra original, que são os símbolos de termos técnicos específicos, como consta em muitos livros de *ḥadīṭ*: *ḥ*¹⁵⁷ para Abūḥārī, *m*¹⁵⁸ para Muslim, *t*¹⁵⁹ para Attirmidī¹⁶⁰, *d*¹⁶¹ para Abū Dāwud¹⁶², *n*¹⁶³ para Annasāṭī¹⁶⁴, *jh*¹⁶⁵ ou *q*¹⁶⁶ para Ibn Mājah Alqazwīnī¹⁶⁷,

¹⁵⁵ حائل [*ḥā'il*]: “trava”, “obstáculo”, “barreira”.

¹⁵⁶ صَحَّ [*ṣaḥḥa*]; “certo”.

¹⁵⁷ ح [*ḥ*].

¹⁵⁸ م [*m*].

¹⁵⁹ ت [*t*].

¹⁶⁰ Abū ʿĪsā Muḥammad Ibn ʿĪsā Attirmidī (m. 279 H./892 d.C.): célebre tradicionalista. Sua obra principal, intitulada *Sunan Attirmidī*, é considerada a quarta compilação de *ḥadīṭ* mais autêntica da tradição sunita.

¹⁶¹ د [*d*].

¹⁶² Abū Dāwud Sulaymān Ibn Alʿaṣʿaṭ Assijistānī (m. 275 H./889 d.C.): célebre tradicionalista. Sua obra principal, intitulada *Sunan Abū Dāwud*, é considerada a terceira compilação de *ḥadīṭ* mais autêntica da tradição sunita.

¹⁶³ ن [*n*].

¹⁶⁴ Abū ʿAbd Arraḥmān Aḥmad Ibn ʿAlī Annasāṭī (m. 303 H./915 d.C.): célebre tradicionalista. Sua obra principal, intitulada *Sunan Annasāṭī*, é considerada a quinta compilação de *ḥadīṭ* mais autêntica da tradição sunita.

¹⁶⁵ ج ه [*jh*].

¹⁶⁶ ق [*q*].

¹⁶⁷ Abū ʿAbd Allāh Muḥammad Ibn Yazīd Ibn Mājah (m. 273 H./887 d.C.): célebre tradicionalista. Sua obra principal, intitulada *Sunan Ibn Mājah*, é considerada a sexta compilação de *ḥadīṭ* mais autêntica da tradição sunita.

*ḥb*¹⁶⁸ para Ibn Ḥibbān¹⁶⁹, *t*¹⁷⁰ para Addāraqūṭnī¹⁷¹, e outros casos assim, que são frequentes. Além desses, há outros símbolos usados às vezes, como *m*¹⁷² para o *Al-ujāla*¹⁷³ e o *Al-umda*¹⁷⁴ de Ibn Almulaqqin¹⁷⁵ e para o imã Mālik¹⁷⁶, *ḥ*¹⁷⁷ para Abū Ḥanīfa¹⁷⁸ e *a*¹⁷⁹ para Aḥmad¹⁸⁰. Há outros símbolos sabidamente usados em ditos, opiniões, doutrinas e outras situações para resumir e agilizar [a escrita e a leitura]. Quem adotar algum desses procedimentos ou outros do tipo numa obra deve indicar seu sentido técnico em detalhes, incluindo uma legenda no prefácio do livro para que quem o estude compreenda seus sentidos. Muitos imãs fizeram isso almejando a brevidade. Deus sabe mais. Não se deve hesitar em fazer, às margens de um livro, notas pertinentes ao seu conteúdo, mas não se deve escrever *ṣaḥḥa* ao fim das notas. Ao invés, devem-se fazer outras indicações de que as notas são externas ao texto – por exemplo, com numerais; alguns

¹⁶⁸ ح [ḥb].

¹⁶⁹ Abū Bakr Muḥammad Ibn Ḥibbān (m. 354 H./965 d.C.): tradicionalista, memorizador do Alcorão, juiz, historiador e literato.

¹⁷⁰ ط [t].

¹⁷¹ Abū Alḥasan ʿAlī Ibn ʿUmar Addāraqūṭnī (m. 385 H./995 d.C.): tradicionalista, recitador do Alcorão, jurisconsulto e literato.

¹⁷² م [m].

¹⁷³ العجالة [*Al-ujāla*]: referência abreviada à obra *ʿUjāla Almuḥtāj ilā Tawjīh Almanḥāj* (*O sumário a quem precisa de direcionamento de abordagem*), de Ibn Almulaqqin.

¹⁷⁴ العمدة [*Al-umda*]: referência abreviada à obra *ʿUmda Almuḥtāj fī Ṣarḥ Almanḥāj* (*O apoio a quem precisa de explicação sobre a abordagem*), de Ibn Almulaqqin.

¹⁷⁵ Sirāj Addīn Abū Ḥafṣ ʿUmar Ibn ʿAlī (m. 804 H./1401 d.C.): tradicionalista, jurisconsulto e historiador; conhecido popularmente como Ibn Almulaqqin ou Ibn Annaḥwī.

¹⁷⁶ Abū ʿAbd Allāh Mālik Ibn Anas (m. 179 H./796 d.C.): tradicionalista, jurista e fundador da doutrina malikita da jurisprudência islâmica; comumente referido como o Imã Mālik ou o Imã de Medina.

¹⁷⁷ ح [h].

¹⁷⁸ Abū Ḥanīfa Annuʿmān Ibn Tābit (m. 150 H./767 d.C.): teólogo, jurista e epônimo da doutrina hanafi da jurisprudência islâmica.

¹⁷⁹ ا [a].

¹⁸⁰ Referência a Aḥmad Ibn Ḥanbal (nota 41).

escrevem no início da nota marginal um *h*¹⁸¹. Devem-se escrever somente notas importantes e pertinentes ao livro ou a algum trecho, por exemplo, para advertir sobre passagens problemáticas, leituras duvidosas, alusões simbólicas, incorreções e assim por diante. Não se devem fazer glosas com questões e digressões externas [ao assunto do livro], nem escrever muitas notas marginais, para que o livro não seja totalmente preenchido por elas. Não se deve hesitar em escrever em vermelho os cabeçalhos dos capítulos, epígrafes, seções e afins, pois isso favorece a expressão e explicita os intervalos do texto. Quando o conteúdo e a explicação estiverem intercalados na escrita, o conteúdo deve ser discernido em vermelho, ou deve estar numa caligrafia diferente da utilizada na explicação. Escrever em vermelho é melhor, pois [no outro método] é possível que as letras se misturem e [a grafia de] uma [mesma] palavra fique igual no conteúdo e na explicação; isso não se esclarece tão bem com a distinção de caligrafias quanto com a escrita em vermelho. Casos como esse são frequentes nos livros de jurisprudência, e isso facilita a apreensão do sentido pretendido. Deus – elevado seja – sabe mais.

¹⁸¹ ح [h]: forma inicial da letra ح [h]; correspondente à palavra حاشية [hāšiya], “glosa”, “[nota] marginal”.